

NOTAS SOBRE O LATIM NO BRASIL

O mundo antigo e A vaidade dos homens

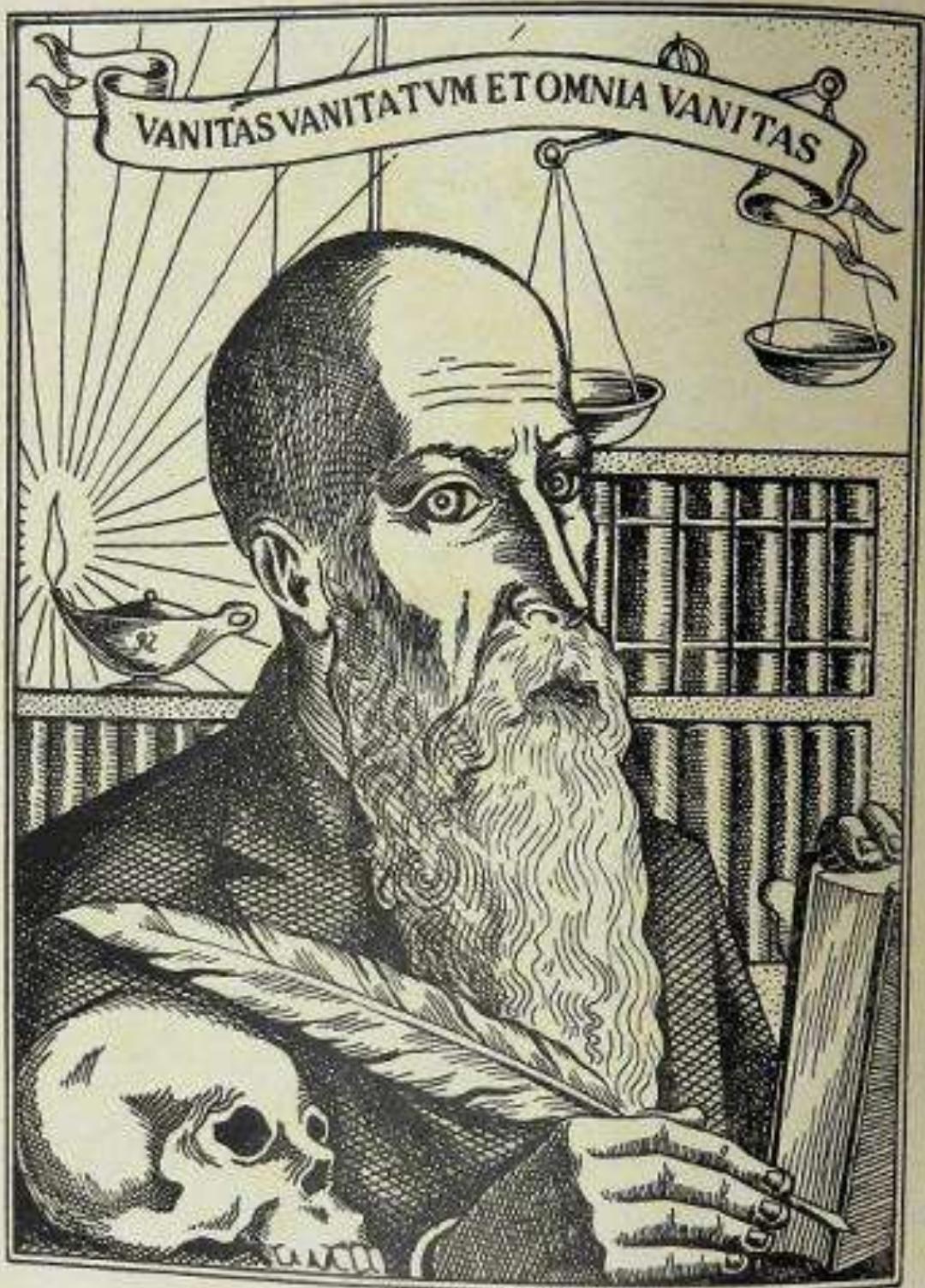


LATINĪTAS:

Uma introdução à língua latina através dos textos



NALPE
NÚCLEO DE ANTIGUIDADE
LITERATURA, PERFORMANCE E ENSINO



O mundo antigo e *A vaidade dos homens*

O mundo antigo e *A vaidade dos homens*

Editada pela primeira vez em 1752 e reeditada em 1778, a obra intitulada *A vaidade dos homens ou Discursos morais sobre os efeitos da Vaidade*, foi escrita por Matias Aires Ramos da Silva de Eça, nascido na capitania, depois província e hoje estado de São Paulo, em 1705 (SACRAMENTO BLAKE, 1883-1902)¹. Matias Aires escreveu obras em francês e em latim e também traduziu clássicos latinos. O título deste curioso livro de Mathias Aires fala por si. Nas palavras do editor Francisco Rolland, que prefacia o livro:

A mais funesta paixão da nossa alma, que ataca, e perturba a cabeça do homem, ofusca o seu entendimento, inflama o sangue, e faz com que o homem se esqueça do vil e desprezível nada de que foi formado, se não conheça, não conheça aos seus iguais, arrebatado-o, e o precipita em maiores desatinos, é a desagradável, medonha, inquieta, e pecaminosa vaidade. O homem possuído de vaidade, nenhuma outra coisa faz do que ensoberbecer-se, e levar-se ao cume da mais desenfreada altivez e presunção. Ambiciona tudo quanto vê nos mais. Julga-se superior aos outros. (p. III-IV)

Conhecedor da cultura clássica, várias são as menções no livro a personagens e personalidades do mundo antigo. Seja para questionar a História, quando conta o episódio lendário do cavalo de Troia: “Quantos pareceres tem havido sobre a Guerra de Troia? Uns querem que ela fosse verdadeira, outros dizem que não foi mais do que uma bem composta fábula.” Seja quando fala das diferentes hipóteses para a fundação de Roma. Para explicitar um argumento, evoca Júpiter, Vênus, Minerva, Narciso, e cita autores antigos para discutir uma ideia: Aristóteles, Ulpiano, Salústio, Tácito, Tito Lívio, Heródoto, Cícero, César, entre outros. Às vezes a citação é direta, utilizando uma máxima, como nesta sobre Plínio: “Não se pode dizer deles o que Plínio louvou em Trajano, que *a fortuna nada havia mudado nelle*” ou Cícero: “Como diz Cícero que *convém ao Sábio afastar a Superstição da Religião...*”

¹ SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. 7 v. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883-1902.

No *Prólogo*, o autor, desculpando-se por assinar um livro sobre vaidade, o que já seria um sinal de vaidade, o de ser autor, traz à tona suas credenciais de conhecedor experimentado da língua latina:

Mas se ainda assim fiz mal em formar das minhas reflexões um livro, já me não posso emendar por esta vez, senão comprometer que não hei de fazer outro. E esta promessa entro a cumprir já, porque em virtude dela **ficam desde logo suprimidas as traduções de Quinto Cúrcio e de Lucano. As ações de Alexandre, e César, que estavam brevemente para sair à luz no idioma português**, ficam reservadas para serem obras póstumas, e talvez que então sejam bem aceitas, porque os erros facilmente se desculpam em favor de um morto. (Grifos nossos)²

Encerra o prólogo uma saudação (*Vale.*) e uma citação do Eclesiastes (I, 2), em latim: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas* (*Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade*). No transcorrer do livro, a Antiguidade é vista como um tema útil para discutir uma linha de raciocínio sobre a vaidade:

A vaidade nos ensina que as ações heroicas se fazem imortais por meio das narrações da história; porém mal pode caber na lembrança dos homens todos os grandes sucessos de que se compoem a variedade do mundo: ainda o mesmo pensamento tem limite, por mais que nos pareça imensa a sua esfera. Não há história que verdadeiramente seja universal: **quantos Aquiles terão havido, cujas notícias se acabaram, só porque não tiveram Homeros**, que as fizessem durar um certo tempo, e isto por meio do encanto de um poema ilustre? **Quantos Alexandres sem Quintos Cúrcios?**

[...]

Acabam-se os herois, e também acabam as memórias de suas ações; aniquilam-se os bronzes, em que se gravam os combates; corrompem-se os mármore, em que se esculpem os triunfos.

² Todos os grifos nas citações da obra de Matias Aires são nossas.

As figuras guerreiras históricas vêm à tona para nos mostrar nosso lado vaidoso e sombrio:

A ambição dos homens por uma parte, e pela outra a vaidade, tem feito da terra um espetáculo de sangue: a mesma terra que foi feita para todos, quiseram alguns fazê-la unicamente sua: **digam os Alexandres, os Césares**, e outros mais conquistadores, heróis não por princípio de virtude, ou de justiça, mas por um excesso de fortuna, de ambição, e de vaidade.

Também chama a atenção para a vaidade com que, segundo o autor, nos valem ao escolhermos nomes inspirados no grego e no latim para designar novas coisas:

As notícias que alguns foram alcançando pela sucessão dos tempos, e que para as fazerem respeitáveis, e as conservarem em uma majestade primitiva, as foram **caracterizando com nomes pomposos, e pouco inteligíveis, uns latinos, outros gregos**, outros arábicos, como Filosofia, Geometria, Álgebra, essas tais notícias a que chamam Ciências, não se adquirem brevemente...

Em relação diretamente ao latim, o prefácio do editor se destaca, quando adverte sobre os usos excessivos da língua para impressionar e para vender uma ideia de sábio e erudito. Sendo esse o objetivo de se utilizar o latim, de se saber latim (?), qual seria a sua utilidade para a sociedade?

É o questionamento do editor, já nos esclarecendo que é de longa data o uso de fórmulas memorizadas para causar a impressão de conhecimento:

... aquele que só em fantasia sustenta toda a sua elevação é digno de censura, é indigno da sociedade dos homens. Todos os membros da sociedade devem concorrer a unirem-se, a animarem-se, e a formarem-se úteis para que tudo lhes seja proveitoso. E como poderá ser útil à sociedade aquele homem que, presumido de sábio, nada lhe faz que lhe convenha, mofa dos seus iguais, com uns poucos de títulos de livros engastados na cabeça, repetindo algumas passagens que à noite estudou, falando muito latim, ferindo com agudo e danado dente no mais vivo da honra dos outros, tudo satiriza, as mais interessantes doutrinas mascara com o ridículo véu de pouco sólidas e verdadeiras. [...]
Tanto mal faz a vaidade!

[..]

Por que causa se entrincheiram com este armamento? Para terem o nome vão de Sábios, de Virtuosos, de Religiosos. Para iludirem ao povo despercebido com estes fantasmas. Tão orgulhosa é a vaidade!

REFERÊNCIA:

AIRES, Mathias. *A vaidade dos homens ou Discursos morais sobre os efeitos da Vaidade*. Lisboa: Typografia Rollandiana: 1778.³

³ As citações da obra de Matias Aires foram adaptadas para a ortografia portuguesa moderna.



Vanitas, Pieter_Claesz, 1625